

# UMA APLICAÇÃO DA TÉCNICA DE GRUPOS FOCAIS NA TIPIFICAÇÃO DE SISTEMAS DE PRODUÇÃO AGROPECUÁRIA<sup>1</sup>

Silvia Janine Servidor de Pizzol<sup>2</sup>

## 1 - INTRODUÇÃO

A identificação de sistemas de produção é de extrema importância para pesquisas no setor agropecuário, principalmente para aquelas que visam a modelagem dos planos de exploração agrícola. A partir da descrição dos sistemas de produção obtém-se um diagnóstico da região em estudo, possibilitando que a condução da pesquisa ajuste-se às realidades agrícolas específicas e, também, permitindo um tratamento diferenciado aos problemas dos diversos tipos de produtores.

O objetivo do presente artigo é apresentar a possibilidade de utilização de grupos focais compostos por produtores rurais e engenheiros agrônomos, atuantes na região estudada, para a identificação de sistemas de produção. Discute-se a organização e análise dos resultados dos grupos focais, através de uma aplicação desse método na região de Marília<sup>3</sup>, no Estado de São Paulo, na identificação de seus sistemas de produção agropecuária.

## 2 - SISTEMAS DE PRODUÇÃO E SUA IDENTIFICAÇÃO

No presente trabalho, os sistemas de produção agropecuária, da região de Marília, foram estudados segundo os fundamentos da Teoria Geral dos Sistemas, a qual afirma que não bas-

ta estudar as partes de um sistema de forma independente, pois seus comportamentos são distintos se estudados isoladamente ou tratados como um todo. A teoria também estabelece que nenhum sistema está definido até que se tenha especificado a relação que este possui com o sistema maior que o contém (BERTALANFFY, 1968).

Maciel (1974) define sistema como “*um conjunto de elementos quaisquer ligados entre si por cadeias de relações de modo a constituir um todo organizado*”. Sendo assim, tem-se o sistema (todo) composto por elementos (partes), que se interagem entre si, gerando um processo operacional global. Também é importante ressaltar que o sistema está dinamicamente relacionado com o meio exterior, influenciando-o e sendo influenciado por ele. Este é o caso do sistema de produção agrícola, considerado um sistema aberto, pois, segundo Ambrósio (1997), recebe energia solar, insumos do meio exterior e exporta energia através dos produtos e perdas. Pelo atributo hierárquico tem-se que um sistema sempre existe dentro de outro, isto é, pode ser considerado um subsistema, ou parte de um sistema maior. Desta forma, o sistema de produção agrícola existe dentro do município, o qual está contido no Escritório de Desenvolvimento Rural (EDR), que faz parte de um estado etc. Por outro lado, é muito difícil definir todos os níveis hierárquicos superiores, ou inferiores de um sistema, pois sempre haverá diversos níveis superiores, ou inferiores ao ponto analisado. Desta maneira, conclui-se que um sistema possui infinitas partes e que a Teoria Geral dos Sistemas é impraticável se não forem estabelecidos certos limites.

Os sistemas de produção agrícola estudados nesta pesquisa foram tratados como compostos por subsistemas de cultivo, criação, recursos naturais (solo, água, clima), materiais (máquinas e infra-estrutura), familiar e financeiro, que interagem entre si, conforme a decisão do empresário. A tipificação desses sistemas, segundo Fortes (1981), consiste em definir unidades distintas entre si a partir de elementos de diferenciação, selecionados previamente. Chang e Sereia (1980)

<sup>1</sup>Este artigo é parte da Dissertação de Mestrado da autora, apresentada a Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiróz” (PIZZOL, 2002).

<sup>2</sup>Engenheira Agrônoma, Mestre, Assessora da Federação da Agricultura do Estado de São Paulo e Sócia-diretora da ESA Consultoria (e-mail: silviajanine@yahoo.com.br).

<sup>3</sup>Para efeito deste trabalho, a região de Marília abrange os municípios integrantes do Escritório de Desenvolvimento Rural (EDR) de Marília, divisão regional implantada pela Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, para fins administrativos. São eles: Álvaro de Carvalho, Alvinlândia, Fernão, Gália, Garça, Lupércio, Marília, Ocauçu, Oriente, Oscar Bressane, Pompéia, Quintana e Vera Cruz.

explicam que a tipificação se resume em separar os grupos de estabelecimentos agrícolas em classes simples, distintas e claramente reconhecíveis e em caracterizar cada uma delas para conhecer sua lógica, enquanto sistema de produção. Os mesmos autores dividem as metodologias de tipificação de sistemas de produção, em métodos estatísticos de classificação e em métodos por etapas. Os primeiros identificam os grupos por uma série de variáveis, concomitantemente, com base em critérios de minimização de variâncias intra-grupo e de maximização de variâncias inter-grupos. Os últimos identificam os grupos por etapas, através de uma hierarquia de variáveis classificatórias, cujos limites são fixados em conformidade com hipóteses referendadas por concepção prévia do problema.

A identificação de sistemas de produção inicia-se com a seleção das variáveis que melhor os discriminam. Para Chang e Sereia (1980) essas variáveis são as que refletem as relações sociais de produção, isto é, aquelas estabelecidas em função do acesso, quantidade, qualidade e combinação do uso dos fatores de produção (terra, capital, trabalho e conhecimento). Payés (1989) considera que a tipificação deve contemplar e articular tanto as variáveis agrônomicas quanto as sócio-econômicas, no plano das entradas e saídas do sistema, no interior do estabelecimento e entre este e o meio externo. O mesmo autor utiliza o método por etapas para identificação e classificação de sistemas de produção agropecuários, agrupando os agricultores segundo dois critérios: 1) pelas atividades predominantes, identificando os principais produtos agropecuários da região através do peso relativo de cada um, no valor bruto da produção do estabelecimento e 2) pela categoria social, com base no tipo de mão-de-obra empregada (familiar, ou assalariada) e no tipo de tecnologia utilizada na propriedade.

No estudo realizado por Chang e Sereia (1980) a tipificação também foi realizada pelo método por etapas, partindo da distinção dos produtores segundo a organização de suas produções: capitalista ou familiar. Desta forma, as relações de trabalho no processo produtivo, quanto ao caráter familiar ou de assalariamento, foram as variáveis tipificadoras. Na segunda etapa, foram analisadas as diferenças internas entre os grupos de produtores capitalistas e familiares, com base nas capacidades de reprodução e in-

corporação tecnológica.

Carmo; Oliveira; Zaroni (2001) discutem o método de tipificação de agricultores denominado Sistemas Agrários, que considera variáveis históricas, geográficas, tecnológicas e sócio-econômicas. O método divide-se em duas etapas, sendo a primeira um estudo global da região, com o objetivo de identificar zonas homogêneas e heterogêneas no espaço geográfico pesquisado. Para tanto, são utilizados mapas temáticos, leituras de paisagem, material bibliográfico disponível e entrevistas históricas. Em uma segunda etapa, são realizados levantamentos primários de dados quantitativos e qualitativos, visando a tipificação dos produtores e a caracterização técnico-econômica dos sistemas de produção. A trajetória de acumulação de capital foi o principal parâmetro de diferenciação entre os agricultores, sendo identificadas as categorias dos minifundistas, produtores familiares e produtores patronais.

Nota-se que os trabalhos de identificação de sistemas de produção, geralmente, baseiam-se em variáveis tipificadoras previamente definidas na literatura. No entanto, a tipificação dos sistemas de produção poderia ser enriquecida e adequar-se mais à realidade estudada se tais variáveis fossem definidas a partir de informações cedidas pelos agentes dos sistemas de produção e profissionais atuantes no local estudado. Dessa forma, pode-se fundamentar o estudo nas impressões de quem interage com os diferentes sistemas de produção e intuitivamente sabe diferenciá-los. A metodologia de grupos focais mostra-se adequada para o levantamento desse tipo de informação, pois permite a obtenção de dados mais ricos e detalhados, quando comparada a outros tipos de levantamentos, como pesquisas individuais.

### 3 - GRUPOS FOCAIS

Grupo focal é definido na literatura como um tipo especial de entrevista em grupo que tem por objetivo reunir informações detalhadas sobre um tópico particular, a partir de um grupo de participantes selecionados. Esse procedimento foi primeiramente utilizado em ciências sociais para investigar técnicas de dinâmica de grupo, comunicação persuasiva e os efeitos da comunicação em massa, como os impactos dos esfor-

ços de propaganda da Segunda Guerra Mundial. Historicamente, o processo tem sido amplamente utilizado como uma ferramenta de *marketing*, a partir da qual os analistas obtêm informações sobre como aprimorar produtos e realizar previsões de vendas. Atualmente, muitas organizações utilizam grupos focais buscando aperfeiçoar seus serviços e avaliar os impactos de possíveis mudanças tecnológicas, ou modificações, na estrutura do mercado consumidor. A vantagem da utilização do grupo focal é que os dados revelam mais informações e são mais detalhados do que os obtidos a partir de outros tipos de levantamentos, tais como as pesquisas individuais. Isso porque os participantes sentem-se livres para revelar a natureza e as origens de suas opiniões sobre um determinado assunto, permitindo que administradores, pesquisadores e analistas entendam as questões de uma forma mais ampla. Outra vantagem do procedimento é que os participantes podem expressar suas opiniões e considerações sem que seja necessário muita preparação, ou maiores esforços. Além disso, esse método permite a sinergia da discussão do grupo e seus participantes aprendem a aperfeiçoar suas habilidades de comunicação (BARBOUR e KITZINGER, 1999; TEMPLETON, 1994; BADER e ROSSI, s.d.).

Segundo Barbour e Kitzinger (1999), o passo mais importante ao se planejar um grupo focal é estabelecer o propósito da sessão. O objetivo tem que ser muito bem definido para que o grupo possa concentrar-se em questões importantes e também para que as pessoas sintam-se encorajadas a participar do processo, do início até o fim. As autoras também recomendam que os participantes sejam selecionados dentro de um grupo de indivíduos que convivam com o assunto a ser discutido e que tenham profundo conhecimento dos fatores que afetam os dados mais pertinentes. O tamanho ótimo para um grupo focal é dez a doze membros para que todos possam participar, de forma efetiva, e a discussão seja bem detalhada.

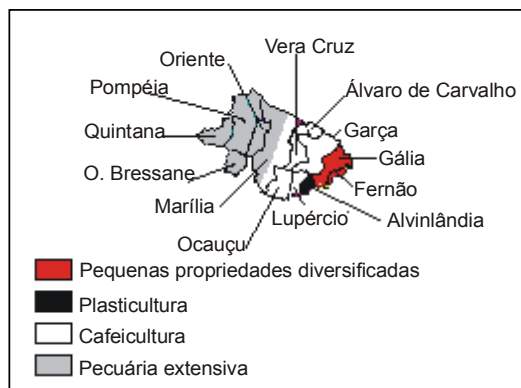
O grupo focal é conduzido por um moderador, que também tem a função de organizar a pauta da discussão. O papel do moderador é manter a discussão produtiva, garantir que a pauta seja seguida rigorosamente, que todos os participantes exponham suas idéias e impedir a dispersão da questão em foco. Bader e Rossi também explicam que o moderador nunca deve expor suas opiniões, ou criticar os comentários

dos participantes. A discussão deve ser gravada do início ao fim, para facilitar a elaboração do relatório após o encerramento do grupo focal.

Com base nesse referencial teórico, a identificação dos sistemas de exploração agropecuária da região de Marília e das variáveis que os discriminam foi realizada a partir de grupos focais, compostos por agricultores e engenheiros agrônomos que atuam na região em estudo.

#### 4 - PROCEDIMENTO METODOLÓGICO: organização e análise dos grupos focais

Para definir o número de grupos focais necessários, o EDR de Marília foi dividido em sub-regiões caracterizadas por deterem uma exploração agropecuária predominante. Esta divisão foi baseada nas estatísticas do Instituto de Economia Agrícola e no conhecimento empírico dos engenheiros agrônomos da Coordenadoria de Assistência Técnica Integral - CATI Regional Marília. Desta forma, foram obtidas 4 sub-regiões onde predominam cafeicultura, pecuária extensiva, pequenas e médias propriedades diversificadas e plasticultura (Figura 1).



**Figura 1** - Atividades Agropecuárias Predominantes nas Sub-regiões do EDR de Marília, Estado de São Paulo.

Fonte: Dados da pesquisa.

Os participantes dos grupos focais, bem como os locais das entrevistas, foram escolhidos com o auxílio dos técnicos da CATI Regional Marília. Procurou-se selecionar agricultores e outros profissionais ligados ao campo, com amplo conhecimento do tipo de agricultura praticado na região. No quadro 1 estão descritos os locais, número de participantes e duração dos cinco grupos focais realizados.

QUADRO 1 - Local, Tamanho e Duração dos Grupos Focais Realizados no EDR de Marília, Estado de São Paulo, 2000

Grupo Focal	Componentes	Duração
Garça	10 produtores rurais de Garça, Gália, Fernão e Vera Cruz	2 horas
Alvinlândia	12 produtores rurais de Alvinlândia	1 hora e 10 minutos
Avencas	8 produtores rurais de Avencas e Rosália (distritos de Marília)	1 hora
Avencas	12 engenheiros agrônomos que atuam no EDR de Marília	2 horas
Oscar Bressani	8 produtores rurais de Oscar Bressani	1 hora

Fonte: Dados da pesquisa.

Os grupos focais foram realizados em locais de fácil acesso para os agricultores, dentro da região em estudo e seguindo as recomendações de Barbour e Kitzinger (1999); Templeton (1994) e Bader e Rossi (s.d.). Além dos componentes, os grupos contaram com a presença de um moderador e um observador, responsável por anotar os comentários e atitudes de cada membro. Com a anuência dos participantes, as discussões foram gravadas em fitas K7 para facilitar a elaboração do relatório.

A principal vantagem da utilização de grupos focais é a riqueza e detalhamento das informações geradas. Entretanto, esse conjunto de dados ricos e complexos pode ser desperdiçado com o emprego de um método impróprio de análise. Frankland e Bloor (1999) comentam o equívoco cometido por alguns pesquisadores ao utilizarem a análise seletiva para interpretar os dados obtidos no grupo focal, pois essa técnica ignora muitas informações que poderiam ser úteis para a pesquisa. Os mesmos autores esclarecem que a interpretação dos dados inicia-se pela indexação do texto, que é um subsídio para a análise final. O processo de indexação consiste em reunir todos os dados referentes a um tema sob um cabeçalho, de forma que o material torne-se facilmente manejável para os propósitos da análise (Figura 2). A técnica pode ser resumida em três itens:

- leitura do texto para identificar palavras e expressões que se repetem;
- nova leitura do texto, iniciando o processo de associar índices às palavras e expressões identificadas. Cada pedaço do texto é designado para muitos, e não exclusivos, índices, podendo ser associado a tantos tópicos de análise quanto possível. No início do processo os índices são amplos, por exemplo, o primeiro índice engloba todo o corpo do texto;
- o processo de indexação é cíclico, de forma que a cada leitura surgem novos índices que

englobam partes menores do texto.

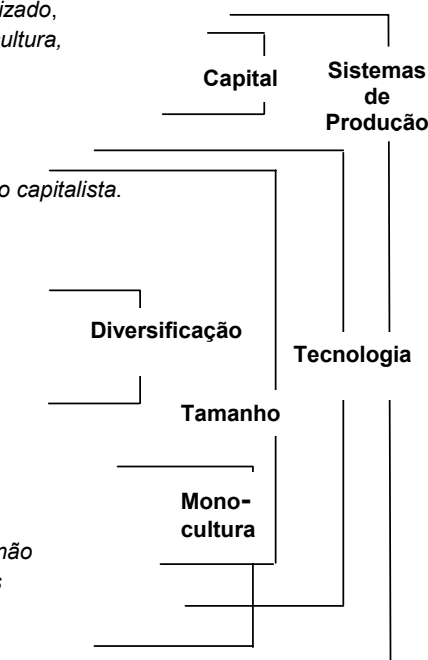
Com a indexação completa é possível visualizar o foco da análise. Conforme já explicado, deve-se aplicar um método analítico que permita o aproveitamento de todos os ricos e complexos dados oferecidos pelo grupo focal. Frankland e Bloor (1999) sugerem que seja utilizada a análise sistemática, a qual possui vários tipos, como a indutiva e a lógica. Em seu artigo, os autores concentram-se na análise indutiva, cujo objetivo é derivar proposições que se aplicam de forma geral a todos os dados. A generalidade das proposições é alcançada focando-se nos “casos de desvio”, isto é, nos itens indexados que contradizem a proposição analítica. Devido a isso, a análise indutiva também é chamada de “análise dos casos de desvio”.

Para realizar a interpretação dos dados, o analista deve modificar a proposição original, incluindo os casos de desvio. Por exemplo: “*todos os produtores estão endividados e enfrentam dificuldades para aplicar tecnologia de ponta em suas atividades, exceto os que possuem uma fonte de renda não agrícola*”. De uma maneira alternativa, os casos de desvio podem ser eliminados modificando a definição da população à qual a proposição analítica aplica-se. Por exemplo, pode-se encontrar que todas as exceções à proposição “*todos os produtores estão endividados e enfrentam dificuldades para aplicar tecnologia de ponta em suas atividades, exceto os que possuem uma fonte de renda não agrícola*” vêm de grandes monocultores de café. Portanto, a proposição original deve ser restrita aos pequenos e médios agricultores e aos grandes produtores que não cultivam café. Por ambos os caminhos (modificação da definição da população, ou modificação da proposição analítica), os casos de desvio devem ser eliminados. Os dois procedimentos evitam uma análise seletiva dos dados e proporcionam um método sistemático de

**Produtor 1:** eu vejo 2 tipos de agricultores: 1 altamente capitalizado, que não depende exclusivamente de recursos da própria agricultura, tecnificado e muito em cima da cafeicultura, e o agricultor que sobrevive com recursos da própria agricultura. Esse agricultor possui uma série de limitações, trabalhando com uma escala menor, seriam os pequenos e médios agricultores. Eles desenvolvem também cafeicultura, mas não tecnificada, como o capitalista.

**Produtor 2:** Eu vejo na região produtores bem tecnificados, focados na cafeicultura e muitos produtores buscando alternativas, diversificação de culturas. Mais voltados para culturas permanentes, em função dos problemas de topografia, tipos de solo. Portanto, buscando culturas permanentes para a diversificação.

**Produtor 4:** Em Garça é muito difícil fazer uma agricultura alternativa para café. Em Garça, Gália, Marília, na região é muito difícil sair da cafeicultura. Os cafeicultores estão muito bem tecnificados. Não só o grande produtor. O pequeno pode não usar maquinário, mas ele usa tecnificação em função de tratamentos culturais e tem muita gente com alta produtividade.



**Figura 2** - Processo de Indexação em um Trecho da Transcrição do Grupo Focal Realizado no Município de Garça.

Fonte: Dados da pesquisa.

análise, pois a concentração nos “casos de desvio” força o analista a rever as proposições e definições, evitando a perda de dados. Além disso, a necessidade de eliminar todos os “casos de desvio” é um estímulo para estender a análise, impedindo seu encerramento prematuro.

Por outro lado, muitas vezes, o método indutivo necessita que sejam coletados novos dados após o início da análise, para subsidiar a formulação das hipóteses. Entretanto, é muito difícil reconstituir um mesmo grupo focal para coletar novas informações. Quando não há possibilidades de obter-se dados adicionais no decorrer da análise, existe o risco de coletar-se mais dados que o necessário, tornando a análise “lenta e pesada”, ou então, de descobrir-se que faltam informações durante a interpretação dos dados. Essas adversidades são evitadas com uma definição clara e precisa do objetivo do grupo focal, antes de sua realização.

O analista também pode enfrentar problemas com o método indutivo devido à complexidade dos dados obtidos através de grupos focais, que dificulta a identificação dos casos de desvio. Por exemplo, a transcrição dos grupos focais pode conter várias frases inacabadas, muitas

vezes porque a pessoa foi interrompida, ou silenciada por outros membros não concordarem com seu ponto de vista. Esse tipo de problema pode ser resolvido com uma boa atuação do moderador, ou então, deve-se desconsiderar potenciais casos de desvio, devido à ambigüidades que não podem ser resolvidas na interpretação.

## 5 - RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise indutiva foi o método utilizado no presente trabalho para analisar os grupos focais e por meio dela foi possível identificar a existência de cinco sistemas de produção na região de Marília: 1) monocultura de café, 2) pequena e média propriedade diversificada, 3) cafeicultura e pecuária, 4) pecuária extensiva e 5) pequena propriedade leiteira diversificada.

A monocultura de café foi um importante sistema de produção identificado a partir da análise dos grupos focais. Tal sistema, embora presente em todo o EDR de Marília, é predominante nos municípios de Garça, Gália, Vera Cruz, Fernão, Lupércio e Alvinlândia. Esse tipo de exploração é realizado por dois tipos de agriculto-

res: a) o proprietário de até 100 alqueires, que geralmente trabalha com mão-de-obra familiar (não exclusiva), cuja única fonte de renda é a agricultura e depende de financiamento bancário para manter a atividade, por isso está descapitalizado; b) o proprietário que tem uma atividade não agrícola como principal fonte de receita, geralmente com áreas superiores a 100 alqueires, onde não há mão-de-obra familiar. Este tipo de produtor não depende do crédito agrícola e está constantemente injetando recursos provenientes de atividades não agrícolas na cafeicultura, por isso trabalha com tecnologia de ponta, incluindo maquinário.

O desinteresse dos monocultores em diversificar suas propriedades, inclusive dos descapitalizados, ficou evidente durante as entrevistas. Mesmo tendo enfrentado algumas fases de preços baixos do ciclo pluri-anual do café, os produtores insistem em afirmar que qualquer tentativa de diversificação não terá sucesso e apenas causará prejuízo. As tentativas de diversificação com as culturas do cacau, seringueira e mesmo algumas frutas, realizadas a partir da década de 60, foram lembradas com desprezo, como se pode observar no comentário: *“a melhor alternativa para a cafeicultura, que eu via na época, era café”*. Esse cenário indica que os monocultores podem estar ocupando uma posição na fronteira de eficiência econômica em que o elevado nível de risco é compensado pela receita. Isto é, supõe-se que o coeficiente de aversão ao risco desses agricultores é baixo. Além disso, tais comentários esclarecem que a cafeicultura é uma atividade que continuará tendo grande importância para a região, pois dificilmente será abandonada pelos produtores rurais.

A facilidade de acesso à tecnologia de produção de café também contribui muito para a existência da monocultura. Todos os produtores estão constantemente informados sobre as novas técnicas de aplicação de defensivos e fertilizantes, novas variedades e sistemas de plantio que geram maiores produtividades. Há vários veículos de difusão das tecnologias, entre eles as cooperativas, a CATI, empresas de insumos e os próprios cafeicultores. Os produtores mais capitalizados e interessados estão freqüentemente inovando suas técnicas de produção e, mesmo os menores, apesar de não utilizarem tecnologia de ponta, também buscam inovar, dentro de seus limites, para atingir maiores produtividades.

Para os monocultores a cafeicultura é sinônimo de segurança na comercialização e facilidade de crédito. Alguns comentários ratificam essa afirmação:

*“(...) todas as outras tentativas de fruticultura não lhe garantem segurança em termos de mercado. O café dá uma estabilidade para o produtor. Essa que é a grande vantagem. Você produz, guarda, você pode se endividar, fazer o que quiser, mas se sente seguro em termos de produção”;*

*“O potencial da região é o café, porque não tem outra coisa. Não tem uma usina que beneficie soja, milho, não têm posto para levar para o CEASA a parte de olericultura. Todo mundo está voltado para o café.”;*

*“A cafeicultura tem mais facilidade ao crédito. Não diretamente ao banco, mas através do processo de cooperativa e das próprias firmas. Então, para comprar um insumo ele te financia. Não precisa ir ao banco, que tem aquela série de impedimentos que não deixam que você tenha acesso (...)”.*

Realmente, o mercado do café é muito desenvolvido e existem várias alternativas de crédito e comercialização para os produtores, como a Cédula do Produtor Rural (CPR), financiamento via cooperativa, etc.

Outro sistema de produção, também muito comum na região, é o da pequena e média propriedade diversificada. Nessas propriedades há a presença da cafeicultura e de outras atividades, como a plasticultura no município de Alvinlândia, a sericultura em Gália e a fruticultura em todo o EDR. A diversificação é realizada principalmente com culturas permanentes, em função da topografia e do tipo de solo da região, que não permite revolvimento constante. Nessas propriedades é comum a presença da mão-de-obra familiar, embora não exclusivamente, e da adoção do sistema de parceria, como forma de reduzir os custos de produção. Geralmente, é um sistema de produção com baixa mecanização. Além disso, os proprietários estão descapitalizados, pois vivem exclusivamente da agricultura, o que explica a falta de tecnologia de ponta e de investimentos na propriedade.

A análise dos grupos focais deixa claro que a maioria dos pequenos e médios produtores

está constantemente buscando novas alternativas de cultivo, pois dependem disso para sobreviverem. Com base nos comentários dos agricultores supõe-se que a renda proveniente da monocultura desenvolvida em pequena escala não é suficiente para sustentar a família do produtor, e muito menos, para manter sua propriedade, o que favorece o crescimento do êxodo rural. Muitas pequenas propriedades estão transformando-se em loteamentos de chácaras, zonas de lazer, e outras estão sendo englobadas por grandes propriedades. Os seguintes trechos extraídos dos grupos focais subsidiam essa afirmação:

*“Os pequenos produtores não conseguem renda. Está havendo uma substituição desses pequenos proprietários. Alguns que estão lá são aqueles que ainda, por raiz de família, tentam manter a propriedade. Uma luta até com patrimônio de família, mas com dificuldade de sobrevivência. Mas não tem renda, apesar de aplicar tecnologia”.*

*“O pequeno proprietário, fundo de Gália e Fernão, tem uma propriedade que não auferem nem renda para sobrevivência, são sub-assalariados”.*  
*“O grande tabu hoje é a diversificação, porque o pequeno não pode sobreviver de monocultura. Apenas um tropeço e entra em falência”.*

Com base na teoria econômica, pode-se concluir que a diversificação é o reflexo do comportamento desses agricultores na presença do risco. A maioria dos pequenos e médios produtores não conseguem sobreviver aos períodos de baixos preços do ciclo plurianual do café, principalmente aqueles que não modernizam a produção, com investimentos em mecanização e tecnologia para elevar a produtividade. Ao combinar outras atividades com a cafeicultura, esses agricultores buscam deslocar suas fronteiras de eficiência para pontos de maior retorno e menor flutuação de receita.

Também existe, embora em menor frequência, o sistema de produção que combina cafeicultura e pecuária, esta sendo uma atividade secundária, com baixa produtividade e aplicação de tecnologia, apenas para aproveitar áreas inaptas ao cultivo do café. O comportamento dos produtores que atuam nesse sistema é semelhante ao dos monocultores de café, pois a cafeicultura é sua principal fonte de receita.

O sistema de produção pecuária ex-

tenhiva, desenvolvida em grandes propriedades, é predominante nos municípios de Marília, Oscar Bressani e Pompéia, embora também exista com menor frequência na região cafeicultora. Grande parte dos pecuaristas da região não realizam investimentos em melhoramento genético e manejo de pastagens, o que resulta em uma atividade com baixa tecnificação, caracterizada por baixo número de unidades animais por hectare e pastagens degradadas. Desta forma, supõe-se que os pecuaristas da região de Marília estão ocupando uma posição na fronteira de eficiência em que o retorno é baixo, mas compensado por um baixo nível de risco. Essa situação pode ser explicada pelo fato do nível de satisfação atingido por esses pecuaristas ser inversamente proporcional ao tempo despendido tomando conta da propriedade.

Também é freqüente o sistema da pequena propriedade leiteira diversificada, onde está presente a mão-de-obra familiar, embora não exclusivamente. Apesar da pecuária leiteira proporcionar um baixo nível de renda aos produtores, ela é interessante pela liquidez diária de receita. Esses pequenos pecuaristas diversificam a atividade, principalmente com a fruticultura, sendo comum o arrendamento de pastagens degradadas para expandir o cultivo de frutas, o que leva à hipótese que essa atividade desloca suas fronteiras de eficiência para um ponto de maior nível de renda.

A partir das discussões dos grupos focais também ficaram evidentes alguns elementos importantes para a diferenciação dos sistemas de produção supracitados. Dentre eles podem ser listados:

- 1) área da propriedade;
- 2) grau de diversificação da propriedade, que pode ser medido pelo nível de concentração da receita da propriedade em cada atividade agropecuária;
- 3) tipo de mão-de-obra utilizada (familiar ou assalariada);
- 4) grau de mecanização da propriedade rural;
- 5) acesso ao crédito rural tradicional, ou a outros tipos de financiamentos, como Cédula do Produtor Rural (CPR), troca de produtos por insumos, ou ainda financiamento via cooperativas;
- 6) aplicação de capital proveniente de fonte não agrícola na propriedade rural;
- 7) estado de conservação das máquinas, implementos agrícolas e benfeitorias da propriedade;

- 8) nível de escolaridade da família proprietária;
- 9) a tradição agrícola da família, isto é, o número de gerações que a família pratica agricultura;
- 10) a participação do agricultor em associações, cooperativas e sindicato rural.

As variáveis acima definidas podem ser utilizadas para a aplicação de análise estatística, com o objetivo de corroborar a tipificação obtida a partir dos grupos focais, conforme o trabalho de Pizzol (2002). A vantagem da utilização dessas variáveis, ao invés daquelas previamente definidas na literatura, é a agregação das ricas contribuições dos indivíduos que interagem entre os diferentes sistemas de produção agropecuária.

## 6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A utilização da técnica dos grupos focais é uma interessante inovação na identificação de sistemas de produção agropecuária. Grande parte dos trabalhos de tipificação de sistemas utiliza bases de dados pré-existentes e variáveis definidas na literatura, desconsiderando a opinião dos agen-

tes dos sistemas de produção estudados.

O presente estudo, realizado na região de Marília do Estado de São Paulo, demonstrou que a partir dos grupos focais pode-se aproveitar as contribuições dos agricultores e profissionais do campo, que interagem entre os diferentes sistemas de produção, para a tipificação. No entanto, o emprego de um método impróprio de análise, como a análise seletiva, pode levar à perda de informações essenciais para o trabalho. Para a análise dos grupos focais realizados na região de Marília aplicou-se a técnica indutiva, que deriva proposições aplicáveis de forma geral a todos os dados, evitando que informações importantes sejam ignoradas.

Os resultados desse trabalho indicaram a existência de cinco sistemas de produção, sendo eles: 1) monocultura de café; 2) pequena e média propriedade diversificada; 3) cafeicultura e pecuária; 4) pecuária extensiva; 5) pequena propriedade leiteira diversificada. Além disso, foi possível listar variáveis tipificadoras que podem ser utilizadas em uma análise estatística, visando corroborar os resultados obtidos a partir dos grupos focais.

## LITERATURA CITADA

AMBRÓSIO, L. A. **Planejamento do uso sustentável da terra em microbacias hidrográficas**: uma abordagem de programação por metas. 1997. 145 p. Tese (Doutorado) - Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiróz", Universidade de São Paulo.

BADER, G. E.; ROSSI, A. R. **Focus groups**: a step by guide. [s.N.t.] 39 p.

BARBOUR, R. S.; KITZINGER, J. **Developing focus group research**. London: Sage, 1999. 225 p.

BERTALANFFY, L. **General system theory**. New York: G. Braziller, 1968. 265 p.

CARMO, M. S.; OLIVEIRA, J. T. A.; ZARONI, M. M. H. Métodos de tipificação de agricultores voltados ao desenvolvimento rural sustentável. **Agricultura em São Paulo**, São Paulo, v. 48, t. 1, p. 1-10, 2001.

CHANG, M. Y.; SEREIA, V. J. Tipificação e caracterização dos produtos rurais do estado do Paraná. **Boletim Técnico do IAPAR**, n. 39, p. 5-151, maio 1980.

FORTES, N. T. **Tipificação de estabelecimentos agropecuários e a programação de extensão rural**. 1981. 130 p. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais.

FRANKLAND, J.; BLOOR, M. Some issues arising in the systematic analysis of focus group materials. In: BARBOUR, R. S.; KITZINGER, J. (Eds.). **Developing focus group research**. London: Sage, 1999. Chap. 10, p. 156-172.

MACIEL, J. **Elementos de teoria geral dos sistemas**. Petrópolis: Vozes, 1974. 404 p.



PAYÉS, M. A. M. Sistemas de produção predominantes no município de Rio Azul - Paraná. **Boletim Técnico IAPAR**, n. 27, p. 5-43, set. 1989.

PIZZOL, S. J. S. **Comportamento dos cafeicultores perante o risco**: uma análise de três sistemas de produção da região de Marília, SP. 2002. 150 p. Dissertação (Mestrado) - Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiróz", Universidade de São Paulo.

TEMPLETON, J. F. **Focus group**: a strategic guide to organizing, conducting and analyzing the focus group interview. New York: McGraw-Hill, 1994. 308 p.

### **UMA APLICAÇÃO DA TÉCNICA DE GRUPOS FOCAIS NA TIPIFICAÇÃO DE SISTEMAS DE PRODUÇÃO AGROPECUÁRIA**

**RESUMO:** O presente artigo demonstra que a técnica dos grupos focais pode ser muito útil na tipificação de sistemas de produção agropecuária. A partir de uma pesquisa realizada na região de Marília do Estado de São Paulo, demonstra-se que os grupos focais permitem o aproveitamento das contribuições dos agricultores e profissionais do campo que interagem no ambiente estudado. Nos resultados deste trabalho são descritos cinco sistemas de produção da região de Marília, além das variáveis tipificadoras que podem ser utilizadas em uma análise estatística, visando corroborar os resultados obtidos a partir dos grupos focais.

**Palavras-chave:** grupos focais, tipificação, sistemas.

### **APPLYING THE FOCAL GROUP TECHNIQUE TO TYPIFY AGRICULTURAL PRODUCTION SYSTEMS**

**ABSTRACT:** This paper shows the usefulness of the focus group technique for the identification and characterization of agricultural production systems. Part of a research project in the Marília region - state of Sao Paulo, it demonstrates that the use of focus groups enables the utilization of the contributions from the farmers and rural professionals interacting in the setting studied. The results of this work provide a description of five productions systems in the Marília region, besides a few identifying variables that can be used in a statistical analysis aiming to corroborate the results based on the focus groups.

**Key-words:** focal groups, typification, systems.

---

Recebido em 02/07/2003. Liberado para publicação em 22/08/2003.